

OS EFEITOS DO TURISMO NO ESPAÇO RURAL NA GERAÇÃO DE RENDA E EMPREGO: O CASO DE SÃO MARTINHO (SC)

The effects of tourism on income and job generation in the rural space: the case of São Martinho (SC)

RESUMO

O espaço rural contemporâneo precisa ser considerado em toda a sua diversidade, sendo que as atividades não agrícolas, em especial as que envolvem o lazer e o turismo, ganham em importância e podem contribuir para a dinamização da economia local. Objetivou-se neste trabalho identificar os efeitos do turismo no espaço rural em relação à geração de renda e emprego. A pesquisa qualitativa teve como base um estudo de caso realizado em São Martinho no Estado de Santa Catarina. Foram feitas entrevistas semi-estruturadas com os dez responsáveis pelos empreendimentos de turismo no espaço rural do município. Verificou-se que os recursos provenientes do turismo respondiam pela maior parte da receita familiar destes, contribuindo para a melhoria em seus níveis de vida. Houve, nas propriedades abertas à visitação, um processo de refuncionalização, em que a realização das atividades relacionadas ao turismo passou a ter prioridade. Pôde-se também avaliar como significativo os empregos criados a partir da atividade turística.

Ivo Elesbão

Professor do Curso de Ciências Econômicas, centro de Ciências Sociais Aplicadas – Universidade de Cruz Alta
ivoelesbao@yahoo.com.br

Recebido em 18.03.08. Aprovado em 12.05.09

Avaliado pelo sistema blind review

Avaliador científico: Ricardo Pereira Reis

ABSTRACT

The contemporary rural space needs to be considered in all its diversity. The non-agricultural activities, particularly those that involve leisure and tourism, have become increasingly important and may contribute to the local economy dynamics. The aim in this work was to identify the effects of tourism on income and job generation in the rural space. The basis of the qualitative research was a case study in São Martinho, a city in Santa Catarina state. Semi-structured interviews were done with the ten people responsible for the tourism enterprises in the district's rural area. It was noticed that the resources originating from tourism were responsible for most of the entrepreneurs' family revenue, contributing to an improvement in their lifestyle. There was, in the properties open for visitation, a restructuring process in which the activities related to tourism started to gain priority. The tourism-related jobs created were evaluated as meaningful.

Palavras-chave: turismo rural; empreendedores; mudanças.

Key words: rural tourism; entrepreneurs; changes.

1 INTRODUÇÃO

Os brasileiros presenciaram transformações profundas ao longo do século XX. Embora a estrutura agrária não tenha mudado drasticamente, hoje se tem um rural significativamente diferente do início daquele século. A passagem de um modelo primário-exportador

para uma economia mais diversificada teve grandes reflexos no campo, desde a esfera econômica, onde a modernização da agropecuária transformou a produção primária e a integrou à indústria, até a social, com a migração de grande parte da população para a cidade.

O processo de modernização da agropecuária e a decorrente migração campo/cidade levaram a população

brasileira a vivenciar uma rápida urbanização, na maioria das vezes desordenada. Na medida em que a população se urbanizou e os problemas desse processo começaram a ser sentidos, passou a haver associação do rural e da natureza à qualidade de vida. Há um crescente número de pessoas que trabalham e vivem na cidade que estão procurando o rural para lazer e turismo. Então, quanto mais o urbano apresenta problemas, mais o rural vai sendo imaginado como um local de felicidade e tranquilidade.

O espaço rural contemporâneo passa a ser olhado não somente como local de produção de alimentos e matérias-primas, mas onde se pode ter uma melhor qualidade de vida, pelo contato com a natureza e com um modo de vida mais tranquilo. Essa revalorização do rural pode implicar na dinamização de determinadas regiões e em potencial de geração de sinergias para o desenvolvimento local. Contudo, a constituição de uma demanda pelo espaço rural como lugar de lazer e turismo, traz também algumas inquietações, pois, além de provocar mudanças na organização do espaço, representa uma mudança na vida das pessoas que se envolvem com os visitantes.

Como qualquer outra atividade, o turismo também tende a provocar mudanças no local onde ocorre. Segundo Talavera (2001), há riscos como a especialização turística das áreas e de seus moradores, a proletarianização, a grande dependência externa e a perda de controle do produto, além de outras.

O turismo no espaço rural deve ser pensado com o intuito de potencializar o que cada local possui, valorizando suas particularidades. De acordo com Moletta e Goidanich (1999, p. 60) “para muitas localidades do interior do Brasil, este tipo de turismo vem sendo dimensionado como uma forma de valorizar o espaço rural e proporcionar a melhoria das condições de vida das populações interioranas”.

Nesse contexto, as estratégias de desenvolvimento para o rural brasileiro devem levar em consideração a grande diversidade presente nesse espaço, descobrindo e valorizando as potencialidades de cada local. No entanto, não se deve esquecer que o agrícola ainda representa, e provavelmente vai continuar

a representar por muito tempo ainda, a dimensão mais importante do rural.

Pesquisar os espaços rurais onde estão sendo desenvolvidas atividades turísticas é fundamental para que se possa compreender o que acontece e está acontecendo a partir do turismo. Uma preocupação que aparece segundo Cristóvão (2002, p. 107), é que o turismo “[...] embora criando oportunidades de desenvolvimento, coloca a economia rural numa posição de cada vez mais dependência de factores e actores exógenos”.

Nesse sentido, este artigo objetiva identificar os efeitos do turismo no espaço rural em relação a renda e aos empregos que são gerados. A análise é feita tendo como base pesquisa realizada com os empreendedores que desenvolvem suas atividades no espaço rural do município de São Martinho no Estado de Santa Catarina.

2 ESPAÇO RURAL E TURISMO

As transformações que se verificam no espaço rural têm efeito mais acentuado naquelas regiões e municípios com base econômica no setor primário. Essas mudanças influenciam diretamente na sobrevivência dos agricultores, tendo estes basicamente três alternativas: migrar para os centros urbanos; complementar a renda fora da propriedade; ou buscar desenvolver outros tipos de atividades dentro da própria propriedade. É justamente a busca de remuneração complementar, com a introdução de outras atividades, que fez com que surgisse e crescesse no espaço rural as atividades não-agrícolas.

De acordo com Moreira (2001), o intenso impacto da globalização sobre as economias e as sociedades rurais pode originar dois tipos de reações: uma de desânimo, onde os agentes produtivos e a população não se sentem capazes de se adaptarem às novas condições impostas, podendo acontecer que uma parte da população continue a envelhecer sem esperança e outra parte, mais voluntariosa, opta pelo caminho do êxodo; e outra em que a população local busca aproveitar novas oportunidades, adotando para isso uma atitude pró-ativa de adaptação à nova realidade, que pode ser designada por reestruturação positiva.

Entre os motivos do surgimento das atividades turísticas no espaço rural está a dificuldade enfrentada pelas famílias rurais em suas atividades primárias. A busca de alternativas, além de desafiadora, também se torna imprescindível. A diversificação das atividades nas propriedades é um desafio que se apresenta às famílias rurais, aos extensionistas e a todos que desejam e trabalham pelo desenvolvimento das áreas rurais.

O espaço rural brasileiro não pode mais ser pensado exclusivamente pelas atividades agropecuárias, pois há um conjunto de atividades não-agrícolas que cada vez mais respondem pela dinâmica populacional. Nesse contexto, o lazer vem se tornando cada vez mais importante no país, manifestando-se em formas variadas de turismo em áreas rurais (GRAZIANO DA SILVA, 1997).

Diante dessa nova realidade do mundo rural, onde co-existem atividades agrícolas e não-agrícolas, as estratégias de desenvolvimento local não podem assentar-se somente na agropecuária, mas segundo Portela (1993, p. 225), “esta nunca pode ter um papel menor. Deve ter sempre um lugar de destaque, maior ou menor consoante as potencialidades e os condicionalismos regionais e locais”.

Para Cordovil e Rosa (1997), a diversificação econômica do espaço rural passaria por duas vias complementares: a diversificação nas atividades agrícolas, através da reconversão de culturas já existentes e a promoção de produtos regionais de qualidade; e a diversificação com atividades não agrícolas, com produções artesanais tradicionais, o turismo no espaço rural, etc.

De acordo com Guerreiro (2001) o turismo no espaço rural pode contribuir para o desenvolvimento das áreas rurais em três níveis: a) demográfico: através da fixação da população, sobretudo a mais jovem; b) sócio-econômico: pela criação de emprego, melhoria dos rendimentos e diversificação das atividades econômicas; e c) cultural: através da promoção e recuperação do patrimônio arquitetônico, de hábitos, usos e costumes, e dinamização dos diversos produtos regionais.

Pode-se afirmar que a urbanização está relacionada diretamente à expansão do turismo no espaço rural, sendo que a grande maioria da demanda

potencial desta atividade está localizada nos grandes centros urbanos, “pois é uma característica do *olhar do turista* procurar paisagens distintas das encontradas no seu cotidiano” (CALVENTE, 2001, p. 16).

A atribuição da importância do rural, como espaço dotado de valores e atrativos, não é decorrente do olhar ou da percepção de seus moradores, que na maioria das vezes não se reconhecem e não percebem o local onde vivem como capaz de atrair a atenção dos urbanos. É segundo Figueiredo (1999), um duplo olhar externo, ou seja, o olhar dos urbanos e do Estado, que instituem o rural como área natural, um ambiente a ser preservado e como amenidade.

Há nesse contexto, dois componentes fundamentais relacionados à crescente demanda do rural por parte dos cidadãos como local de lazer e turismo. Um primeiro, o nostálgico, deriva precisamente das pessoas que tiveram alguma relação em alguma época de suas vidas, principalmente na infância, com o rural. Isso é bastante presente após um rápido processo de urbanização, como aconteceu no Brasil, onde significativa parcela da população ainda tem raízes rurais. O outro, o imaginário rural, é mais contemporâneo e está mais relacionado as pessoas que quase não tiveram vínculo com o rural, mas que, pelos problemas de poluição e violência das cidades, tendem a imaginar o rural como lugar de ar puro, natureza exuberante e tranquilidade, passando também a admirar o modo de vida de seus moradores. De acordo com Verbole (2002, p. 124) “a busca pela autenticidade, pelo diferente, pelo excitação e pela nostalgia estão sem dúvida identificados com a busca do imaginário rural”.

Assim como as demais atividades, a de turismo no espaço rural gera impactos, cujas conseqüências atingem o ambiente como um todo. O turismo constitui uma atividade capaz de modificar radicalmente o meio. Em um curto período de tempo, também pode gerar impactos ambientais e danos ecológicos, alterar diretamente a mentalidade das comunidades, modificando os usos e costumes, bem como criar acentuadas transformações no conjunto das economias locais (SARTOR, 1981).

Desenvolver o turismo no espaço rural significa, antes de qualquer coisa, trabalhar e interagir com o homem do campo. Daí advém a importância da integração entre as pessoas envolvidas no desenvolvimento da atividade turística com os profissionais que já trabalham e têm conhecimento da realidade local, das características e potencialidades da região e dos próprios agricultores.

O turismo é só uma das medidas para o desenvolvimento de uma área rural, devendo ser inserido em programas de caráter integral, endógeno, participativo e, incluir todas as atividades econômicas, tradicionais ou não. Deve ser tomado como complemento, sendo que é importante que não haja dependência exclusiva desta atividade (TALAVERA, 2002).

Há uma evidente preocupação, por parte de alguns pesquisadores, com relação à importância que o turismo deve desempenhar na composição da receita gerada dentro das propriedades rurais, sendo que este deveria ter apenas um caráter de complementaridade. Essa é a posição de Barrera (2000, p. 201), para quem o turismo rural deve ser tomado como uma alternativa a mais de produção, e que, “de nenhuma maneira, deve-se deixar de lado a exploração principal para desenvolver essa nova atividade”.

A atividade turística no espaço rural é vista então como complemento da receita gerada na agropecuária. De acordo com Solla (2002, p. 126) “é preciso conceber o turismo rural como um complemento de várias outras atividades, sem perder de vista outras vocações, muito particularmente a agrícola”.

Embora haja defensores do turismo como complemento de renda e que as atividades agropecuárias devam ter continuidade, isto na realidade pode não ser alcançado em algumas propriedades, principalmente naquelas baseadas na agricultura de subsistência com uma baixa remuneração mensal e que passam a integrar algum projeto ou roteiro turístico. Com o fluxo de visitantes e a comercialização do produto ou serviço, a renda aumenta e na maioria das vezes as atenções e o tempo de trabalho são dirigidos para esta atividade em detrimento da primeira. Embora não seja o modelo desejado, é difícil evitar esta situação, sendo em grandes

propriedades o *status* de complementar bem mais fácil de ser alcançado.

As experiências têm demonstrado que as propriedades que possuem alguma atividade relacionada ao turismo estão conseguindo elevar consideravelmente seu nível de renda, seja naquelas onde o turismo é a principal atividade, seja naquelas em que este complementa a renda. Isto repercute positivamente na comunidade com mais famílias buscando oferecer algum tipo de produto turístico.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso, que de acordo com Lage e Milone (2000), tem se tornado uma estratégia metodológica bastante utilizada em estudos que envolvem a atividade turística, contribuindo para a difusão das diversas experiências que a atividade turística incorpora.

Para Becker (1999, p. 118), o estudo de caso geralmente tem um duplo propósito:

Por um lado, tenta chegar a uma compreensão abrangente do grupo em estudo: quem são seus membros? Quais são suas modalidades de atividade e interação recorrentes e estáveis? Como elas se relacionam umas com as outras e como o grupo está relacionado com o resto do mundo? Ao mesmo tempo, o estudo de caso também tenta desenvolver declarações teóricas mais gerais sobre regularidades do processo e estrutura sociais.

O presente trabalho se pauta numa abordagem qualitativa, o que não impede que dados quantitativos estejam presentes e possam contribuir para explicar melhor determinadas situações. De acordo com Godoy (1995, p. 26) “ainda que os estudos de caso sejam, em essência, pesquisa de caráter qualitativo, podem comportar dados quantitativos para aclarar algum

aspecto da questão investigada”.

Com a finalidade de alcançar os objetivos propostos, utilizou-se uma metodologia de coleta de dados que compreendeu duas fases: uma relativa à revisão bibliográfica e coleta de dados secundários, que abarcou o desenvolvimento da atividade turística e a realidade socioeconômica do município; e outra que envolveu a aplicação do roteiro de entrevistas nos empreendimentos de turismo no espaço rural.

Relatar os procedimentos realizados na construção da investigação, principalmente do trabalho de campo, é fundamental para que se entenda a pesquisa e seu contexto, pois, como coloca Pádua (1997, p. 50), “a coleta e o registro dos dados pertinentes ao assunto tratado é a fase decisiva da pesquisa científica, a ser realizada com o máximo de rigor e o empenho do pesquisador”.

O trabalho de campo proporciona uma aproximação com aquilo que se deseja conhecer e estudar, possibilitando a criação de conhecimento a partir da realidade presente nele. De acordo com Cruz Neto (2003, p. 54) “o campo torna-se um palco de manifestações de intersubjetividades e interações entre pesquisador e grupos estudados, propiciando a criação de novos conhecimentos”.

A entrevista é um instrumento pelo qual se obtém informações fundamentais para o desenvolvimento de uma pesquisa, sendo definida por Almeida (1989, p. 113) “como um método de obter informações através de uma conversa profissional com um indivíduo para fins de pesquisa”.

Selltiz et al. (1974, p. 272) colocam que “a entrevista é a técnica mais adequada para a revelação de informação sobre assuntos complexos, emocionalmente carregados, ou para verificar os sentimentos subjacentes a determinada opinião apresentada”. E dentre os tipos de entrevistas optou-se pela entrevista semi-estruturada (que combina perguntas fechadas e abertas).

O trabalho de campo foi realizado no mês de maio de 2006, quando foram entrevistados os responsáveis pelos dez empreendimentos de turismo no espaço rural existentes no município de São Martinho:

quatro pousadas; três restaurantes com área de lazer, sendo que um deles possui pesque-pague; dois cafés coloniais com pontos de comercialização de produtos artesanais; e um alambique, também com ponto de venda de produtos.

São Martinho é um dos 293 municípios que formam o Estado de Santa Catarina, o qual está dividido em seis Mesorregiões: Oeste Catarinense, Norte Catarinense, Serrana, Vale do Itajaí, Grande Florianópolis e Sul Catarinense. É precisamente nesta última que se encontra o município, limitando-se ao Norte com São Bonifácio e Paulo Lopes, ao Sul com Armazém, a Leste com Imaruí e a Oeste com Rio Fortuna e Santa Rosa de Lima. Fica distante aproximadamente 176 km de Florianópolis, capital do Estado.

De acordo com Mattei (1999), no Sul Catarinense encontra-se uma agricultura com elevado nível técnico, estando assentada nos propriedades familiares. Os principais produtos agrícolas são soja, fumo e arroz. Na produção animal, destaca-se a criação de gado de corte, de leite e a criação de suínos. A Mesorregião Sul Catarinense difere das demais por possuir uma forte especialização e um processo de integração na produção de fumo e na criação de suínos. Segundo o autor, os agricultores têm tradição de combinarem atividades agrícolas com não agrícolas, sendo que estas últimas estiveram sempre vinculadas aos setores do vestuário e de calçados e, mais recentemente, ao turismo no espaço rural.

O município está situado no vale do Rio Capivarí, seu principal rio, que o corta no sentido Norte/Sul e tem como principais afluentes os rios Gabiroba, Capivaras, São João e Sete. Possui área territorial de 236,1 km², sendo o relevo constituído por uma superfície ondulada e montanhosa, com solos de baixa e média fertilidade. O clima é classificado como mesotérmico úmido, de estações com invernos úmidos e frios, e verões muito quentes com temperatura média anual de 20,8 °C. A precipitação pluviométrica é de 1.200 a 1.300 mm anuais. Emancipou-se politicamente em 1962 de Imaruí. Segundo o Censo de 2000 do IBGE, possuía um total de 3.274 habitantes, sendo que 72,9 % destes

viviam no espaço rural e 27,1 % no perímetro urbano.

Possui colonização alemã, estando isso bastante evidente nos costumes, na língua, nos hábitos alimentares e no visual externo das residências. Pode-se notar na área rural a presença da arquitetura enxaimel, conhecida pela estrutura em madeira preenchida por tijolos. A maioria dos habitantes é descendente de imigrantes procedentes da Westfália, região localizada no noroeste da Alemanha. Os primeiros imigrantes que se instalaram no município, entre os anos de 1860 e 1870, localizaram-se na comunidade que hoje é chamada de São Martinho Alto. A origem do nome está então ligada aos imigrantes alemães, pois São Martinho é um santo popular na Alemanha e provavelmente a tradição religiosa fez com que fosse adotado este nome.

A estrutura fundiária é constituída, em sua maioria, por propriedades com até 50 ha. Essa característica, aliada ao relevo predominante, onde há pouca ocorrência de áreas planas, torna difícil o desenvolvimento em larga escala de atividades agropecuárias que necessitem grandes extensões de terras e mecanização intensa para viabilização. Mesmo assim, a base da economia do município é a agropecuária. Destacam-se na produção agrícola as culturas de milho, cana-de-açúcar (para alambiques artesanais e alimentação do gado), fumo, feijão e mandioca. A produção pecuária tem como destaque o gado de corte, a criação de suínos e o gado de leite.

Como se pode perceber o município tem a sua estrutura fundiária baseada na pequena propriedade, com uma agropecuária relativamente diversificada, onde prevalece a produção de base familiar e em pequena escala. Essa realidade é campo fértil para o desenvolvimento de atividades não agrícolas, para aproveitamento dos talentos, especificidades e mão-de-obra excedente no local, dentre as quais se destaca o turismo. Nesse sentido, pode-se estabelecer o ano de 1994 como de início do turismo no espaço rural em São Martinho de forma organizada. Neste ano foi instituído o Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT) e elaborado um diagnóstico para identificar as potencialidades do turismo no município.

4 A RENDA NO CONTEXTO DOS EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS

Inicia-se a análise enfocando o contexto das propriedades rurais em relação à participação do turismo na renda das famílias dos empreendedores. É necessário destacar que dos dez empreendedores entrevistados somente um deles não era morador do município, ou seja, era uma pessoa que realizou investimento em hospedagem, através da aquisição de um terreno e construção de uma pousada. Assim, excetuando esse empreendimento que não possuía área de terra considerável, as demais propriedades possuíam uma área que variava de 25,6 ha a menor, até 122 ha a maior. A média de área dos estabelecimentos pesquisados era de 57,5 ha.

Aqui é fundamental que se faça menção a possibilidade de utilização dessa terra na produção agropecuária. Se considerada a área agricultável, ou seja, a parte de cada propriedade possível de ser incorporada no processo produtivo, pôde-se verificar que esta representava um percentual pequeno de cada uma delas. Isso se dava em função do relevo montanhoso do município, sendo estimada, em pesquisa anterior (ELESBÃO, 2001), uma média de 21,5 %. Foi observado também que eram justamente as propriedades que possuíam as maiores áreas que tinham os menores percentuais agricultáveis.

Essa realidade influencia diretamente as características da produção agropecuária no município. O tamanho relativamente pequeno das propriedades e as dificuldades de mecanização fizeram com que atividades que necessitassem de áreas menores para serem realizadas fossem priorizadas, como, por exemplo, a pecuária leiteira e a fumicultura, que permitem a utilização de áreas com maior declividade.

A atividade turística era a principal fonte de receita familiar em nove das dez propriedades pesquisadas. Apenas em uma delas provinha da agropecuária a maior parte do sustento familiar, no entanto, a agropecuária e o turismo estavam ali diretamente relacionados. Para essa família o turismo representava apenas 30 % da receita,

enquanto a agropecuária os outros 70 %. Nos demais empreendimentos o turismo era a principal fonte de rendimentos e representava no mínimo 60 % da receita.

O que se pôde observar, considerando os empreendimentos, é que a atividade turística em vez de ser apenas um complemento da receita familiar, respondia pela maior parte do sustento dessas famílias, representando, em duas delas, praticamente o total dos recursos gerados.

Almeida; Pereira e Vecchiatti (2000) identificaram em pesquisa realizada no município de Guararema – SP, que a maior parte dos proprietários ao fazer a opção pelo desenvolvimento de alguma atividade relacionada ao turismo busca complementar a atividade agropecuária ou estabelecer uma alternativa a esta. Os autores constataram, entre os quatorze entrevistados, que três deles já viviam exclusivamente da atividade turística.

Perez e Ganso (1998), com base no estudo da experiência do pequeno concelho de Taramundi no norte da Espanha, colocam que, apesar de uma série de resultados favoráveis, o turismo rural continua sendo uma atividade em pequena escala, cujo objetivo é a manutenção das demais atividades tradicionais.

Para autores como Graziano da Silva; Vilarinho e Dale (2001, p. 20), o importante é que as atividades turísticas se constituam em atividades internas à propriedade, gerando ocupações complementares às atividades agropecuárias “as quais continuam a fazer parte do cotidiano da propriedade em menor ou maior intensidade”.

Se por um lado, o turismo no espaço rural pode vir a estimular a produção de alimentos para serem consumidos e/ou adquiridos pelos visitantes e também pelo comércio local, por outro lado, pode haver o contrário, ou seja, a agricultura segundo Schneider e Fialho (2000, p. 34): “em vez de estimulada e alavancada pelo turismo, pode acabar substituída por outras atividades mais rentáveis, perdendo a competição em termos de trabalho e terra, especialmente em regiões geográficas desfavoráveis”.

Para os autores seria desejável que o turismo

desempenhasse um papel de complementaridade em relação às atividades agropecuárias. Isso se deve a possibilidade de conjugar as duas atividades, pois tanto o turismo como a atividade agrícola tem períodos de sazonalidade e “dessa forma, há a necessidade de administrar as duas atividades, prevenindo a frustração de expectativas que não possam ser alcançadas com o turismo rural” (SCHNEIDER; FIALHO, 2000, p. 34).

Observou-se em pesquisa anterior (ELESBÃO, 2001) que o abandono das atividades agropecuárias parecia uma questão de tempo para a maioria das famílias envolvidas na atividade turística, pois algumas delas já afirmavam não possuírem mais outra fonte de receita senão o turismo. No entanto, essa tendência identificada não vem se confirmando, pois, agora somente um dos empreendedores afirmou ter o turismo como exclusiva fonte de receita. Inclusive o empreendimento de maior sucesso, que anteriormente tinha sido identificado como somente de turismo, agora possui algumas atividades agropecuárias, embora sem representatividade econômica de acordo com seu responsável. Isso pode ser explicado por uma certa “tomada de consciência” de que seria importante manter algumas atividades que eram desenvolvidas antes do surgimento do turismo.

Pôde-se constatar que houve, nas propriedades abertas à visitação, o que se pode chamar de refuncionalização, ou seja, a mão-de-obra familiar passou a dar prioridade à realização das atividades ligadas ao turismo. Embora houvesse uma gama de atividades secundárias que foram relatadas como geradoras de receita, é certo que a importância delas parece ter diminuído muito em relação ao que era no período pré-turismo.

Essa tendência de desvinculação da mão-de-obra familiar do cultivo da terra, em função da substituição das atividades tradicionais pelas ligadas ao turismo, é criticada por Portuguese (2002, p. 96), segundo o qual isso “indica um claro exemplo de refuncionalização, em vez de multifuncionalização da propriedade”.

Do total das famílias que recebiam visitantes no rural de São Martinho, apenas uma delas não possuía

atividade secundária. Nas outras nove propriedades faziam parte do cotidiano familiar duas ou mais fontes de receita além do turismo. Entre as mais citadas como atividades secundárias estavam: a criação de gado de corte, em seis propriedades; o reflorestamento, em quatro propriedades; e a produção de leite, em outras três. Além destas foram também mencionadas a produção para auto-consumo, a prestação de serviços como profissional liberal, a criação de ovinos, a produção de artesanato e de produtos para serem consumidos pelos visitantes.

O turismo vir a se tornar a principal (ou mesmo até a única) atividade desenvolvida é um processo às vezes inevitável nos locais que têm uma estrutura produtiva baseada na agricultura familiar. As pessoas irão se dedicar àquelas atividades que mais lhe trarão retorno financeiro. O turismo, como complemento de receita, é bem mais fácil de ser observado em grandes propriedades que não têm problemas em manter sua estrutura produtiva, podendo nesse caso, a atividade ser considerada apenas um complemento.

5 OS EMPREGOS GERADOS A PARTIR DOS EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS

As relações que são estabelecidas a partir do início da atividade turística em determinado local estão no centro da discussão da capacidade que o turismo tem de ser um fator de transformação para melhor da realidade local. Isso se deve ao tão propalado “efeito multiplicador” que essa atividade geraria no entorno onde se estabelece.

Buscou-se através do trabalho de campo identificar todas as ramificações que surgiram com o turismo no espaço rural, desde a ocupação da mão-de-obra, passando pela aquisição de produtos locais e também os produtos que são revendidos nos empreendimentos.

Dos dez empreendimentos pesquisados observou-se em nove deles contratação de mão-de-obra. Havia predominância, como era de se esperar, da contratação de empregados temporários sendo que cinco dos empreendimentos somente possuíam

esse tipo de emprego. Em outras três propriedades haviam empregados permanentes e temporários. Além disso, outro dos empreendedores contratava somente funcionário fixo.

Nesse contexto, havia vinte e um funcionários permanentes, sendo que a grande maioria destes eram mulheres que residiam na comunidade. De acordo com González (2005), se trata, portanto, de uma atividade em que a contribuição da mulher é significativamente importante, dado esse que é alentador se levar-se em consideração as altas taxas de emigração feminina e de sua baixa incorporação ao mercado de trabalho nas zonas rurais.

Ribeiro (2001) afirma que, mesmo sendo muito variável entre os países a presença de mulheres nos empregos turísticos, elas representam a maior percentagem do emprego do turismo no espaço rural. Em Portugal haveria uma significativa feminização na titularidade dos empreendimentos de turismo no espaço rural, sendo que em 1997 as mulheres respondiam formalmente por 45,0 % destes empreendimentos.

Em São Martinho, além dos funcionários permanentes, eram gerados normalmente mais trinta postos de trabalho temporários, principalmente nos finais de semana, sendo que nos meses de verão, considerados de alta temporada, o número de empregados desse tipo seria acrescido de mais vinte e sete, o que totalizaria cinquenta e sete funcionários temporários.

Se levado em conta que eram apenas dez os empreendimentos de turismo, tem-se uma média de pouco mais de dois funcionários permanentes por empreendimento. E somado os empregos permanentes e temporários (não somando os dos meses de verão, pois os recursos auferidos por esses funcionários neste período são considerados pouco significativos no sustento familiar durante o ano), a média sobe para pouco mais que cinco funcionários por propriedade.

Considerando o contexto do turismo no espaço rural do município de São Martinho, onde a oferta era composta por apenas dez empreendimentos, pode-se avaliar como significativo o número de empregos gerados. É preciso ressaltar aqui que não se levaram

em conta as ocupações dentro no núcleo familiar, ou seja, consideraram-se somente os funcionários que não residiam nos empreendimentos.

Há sempre uma expectativa muito grande em relação ao número de ocupações que serão geradas com o turismo, pois é comum encontrar na bibliografia um otimismo, que se considera um pouco exagerado, como coloca Barrera (2000, p. 197): “todos os estabelecimentos que começam a operar no turismo rural incorporam mão-de-obra, tanto de forma direta como indireta, e nesse sentido a atividade tem um importante efeito de enraizamento”.

Entende-se que a discussão quanto ao número de postos de trabalho gerados pelo turismo no espaço rural depende da forma como se olha para a atividade. Se for analisado o que representa em termos do total de ocupações no espaço rural do município que está sendo estudado e, mesmo em relação à atividade turística de forma geral, na grande maioria dos casos verificar-se-á que a relevância é pequena tanto em relação a um quanto ao outro. Todavia, ao se analisar apenas o local onde a atividade turística é desenvolvida, estes empregos têm sua importância ampliada. Se for considerado que muitas áreas rurais carecem de dinamismo e padecem com o esvaziamento populacional, aí então a sua importância ganha uma outra dimensão.

A questão do êxodo rural, chegando a ocorrer vazios demográficos, é particularmente importante em muitos países europeus, o que faz com que seja atribuída ao turismo grande importância na fixação, mesmo que pouco representativa, de pessoas no rural, renovando a esperança de (re)dinamização de muitos espaços em vias de despovoamento.

Um dos pontos importantes a serem considerados é que as atividades de turismo no espaço rural se caracterizam pela utilização da mão-de-obra familiar. Assim é nas mais diversas experiências implantadas tanto no Brasil como no exterior. Os maiores efeitos em termos de ocupação se refletem no núcleo das famílias rurais, principalmente envolvendo a mulher e os filhos, que assim não precisam buscar, como normalmente acontece, emprego em outros locais.

Uma das grandes contribuições do turismo no espaço rural se dá, segundo Gómez (1988, p. 104), “desde as primeiras etapas na estabilização e consolidação do emprego destas famílias, evitando e freando sua emigração e especialmente sentando as bases para que alguns de seus descendentes não emigrem na atualidade e estes estabelecimentos tenham sucessão”.

Como se pode verificar, a principal relevância em termos de ocupações no turismo no espaço rural está no núcleo familiar. Nesse sentido, Rodríguez (2006, p. 46) assinala que “es necesario tener en cuenta el hecho de que muchos de estos empleos sean temporales, a tiempo parcial o de escasa cualificación, siendo en la mayoría de los casos desarrollado por los propios familiares”.

Em áreas rurais deprimidas, de acordo com Gómez (1988, p. 105), “a contribuição ao emprego é em grande parte mascarada pelo caráter misto e familiar de grande parte das atividades reativadas pelo turismo e porque se trata de pequenos efeitos não concentrados pelo que são quantitativa e qualitativamente importantes em nível familiar e local”.

Assim, nas famílias dos próprios empreendedores é onde mais repercute os postos de trabalho. Ali então, a relevância dos empregos gerados é maior, pois envolve a mão-de-obra dos filhos destes empreendedores que provavelmente irão ter menos motivos para migrar.

Em estudo sobre o agroturismo na região serrana do Estado do Espírito Santo, Portuêz (2002) verificou que a geração de empregos é pouco significativa, pois das vinte e duas propriedades pesquisadas, apenas em cinco delas havia mão-de-obra contratada em decorrência do início da atividade turística. No entanto, “o agroturismo está mostrando-se como uma atividade, que em pouco tempo conseguiu aumentar consideravelmente os rendimentos das propriedades onde é praticado, além de se manter com um forte potencial de expansão” (PORTUGUEZ, 2002, p. 116).

Desse modo, é preciso ter muito cuidado ao se referir a importância das atividades de turismo no espaço rural, principalmente em relação aos empregos gerados, pois as realidades são diferentes, como

diferentes também são as experiências desenvolvidas pelo Brasil afora.

Em São Martinho, além de se poderem considerar significativos no contexto local os empregos que são gerados tanto de forma temporária como permanente, tem-se também o estabelecimento de outras relações com a comunidade, através da aquisição de produtos locais, principalmente de alimentação, que são consumidos de forma direta pelos visitantes, ou utilizados no preparo de outros alimentos.

Nesse sentido, outras famílias têm também possibilidade de diversificar sua atividade, pois, de acordo com Ferreira (2004, p. 65), “muito do que a exploração agrícola produz pode adquirir um superior valor comercial, tendo em conta a expectativa de colocar no mercado produtos que a nova procura ambiciona pela sua proveniência na exploração agrícola”.

Dos dez empreendimentos pesquisados, nove afirmaram realizarem aquisição de produtos locais, que vão desde a cana-de-açúcar para preparar a cachaça e o melado, passando por ovos, nata, manteiga, carne, verduras, queijos, conservas, doces, bolachas, embutidos (lingüiça, salame, etc.), coalhada, frutas, licores, cachaça, etc. Assim foram identificadas outras oito famílias de agricultores que possuíam uma ligação mais expressiva, ou seja, com maior regularidade, com os empreendimentos turísticos, pois produziam algum tipo de produto que era comercializado em função do fluxo de visitantes.

Somente um dos empreendedores afirmou não adquirir produtos dos vizinhos, não estabelecendo assim uma relação de troca mais direta com outros membros da comunidade. No entanto, disse comprar os produtos consumidos pelos visitantes em mercados do município, entendendo assim que indiretamente também estava adquirindo produtos locais.

Essa relação que se estabelece entre os empreendedores e outras famílias da comunidade, originada pelo consumo de produtos por parte dos visitantes, é identificada por Schneider e Fialho (2000, p. 35) como sendo uma potencialidade do turismo no espaço rural, pois cria “mercado de

consumo local para os produtos de origem agrícola, oferecendo uma alternativa para complementar a renda das famílias rurais”.

Além disso, o incremento na procura de produtos tradicionais, tanto alimentares como não, faz com que a produção artesanal, segundo Garcia (1996, p. 24), passe “a ser vista como mais atractiva por parte dos jovens, ao mesmo tempo que dará novo alento a população idosa, que se sentirá útil na comunidade pelo contributo que pode dar ao crescimento das artes tradicionais”.

Buscou-se também identificar, se além dos produtos que eram adquiridos para serem consumidos *in natura* ou transformados em outros alimentos para serem oferecidos aos visitantes, existiam outros que eram apenas revendidos, servindo assim o empreendimento turístico como entreposto de comercialização. Dos dez empreendimentos pesquisados, cinco afirmaram revender produtos produzidos por outras pessoas da comunidade, mediante é claro a um acréscimo percentual sobre o preço pelo qual tal produto foi adquirido.

Assim, outras nove famílias da comunidade estavam ligadas ao turismo, pois produziam algum produto que tinha como canal de comercialização os empreendimentos de turismo. Entre os produtos destacavam-se a produção de pé-de-moleque, licores, bitter crioulo, compotas, conservas, bolachas, doce de leite, cachaça e artesanato.

Considerando-se os empregos permanentes, os empregos temporários (excetuando os da época de verão), os produtos adquiridos para serem consumidos nos empreendimentos e os outros para serem revendidos, verificou-se que havia envolvimento direto e estava sendo gerado algum tipo de receita para outras sessenta e oito famílias do município. Tem-se então que somadas as famílias dos empreendedores, o turismo no espaço rural do município de São Martinho envolvia um número aproximado de setenta e oito famílias.

As relações que se estabelecem a partir do desenvolvimento do turismo no espaço rural e que são aqui entendidas como parte da dinamização da economia local motivada por essa atividade, podem

ser consideradas, no contexto de todo o espaço rural do município, como não sendo tão importantes, pois, como calculou-se anteriormente, existiam 78 famílias envolvidas de alguma forma com a atividade turística, para um universo de aproximadamente 600 famílias que habitavam o espaço rural de São Martinho.

Entretanto, essa relação adquire maior relevância ao considerarem-se as dificuldades que os agricultores encontram para sobreviver no campo e ainda mais, se o espaço analisado for somente o distrito de Vargem do Cedro, onde estavam concentradas as atividades de turismo no espaço rural e residiam aproximadamente 120 famílias.

Nesse sentido, Calvente (2001) destaca que os benefícios econômicos diretos, como a renda complementar gerada e os empregos criados, podem parecer de pouca relevância, perante uma análise puramente econômica. No entanto, “colocados no contexto dos problemas enfrentados pelas regiões agrícolas, demonstram a necessária procura de alternativas viáveis” (CALVENTE, 2001, p. 244). Além disso, é preciso considerar que na esteira das atividades turísticas há melhora da infra-estrutura e são originados outros benefícios como: “surgimento de atividades de lazer, desenvolvimento de pequena produção, valorização do modo de vida rural, atitudes conservacionistas com relação ao patrimônio cultural e natural, tendência ao associativismo e ocupação com rendimentos para as mulheres e para os jovens” (CALVENTE, 2001, p. 244).

Nesse contexto, o turismo no espaço rural em São Martinho configura-se como uma atividade que está sendo responsável pela pluriatividade¹ de muitas famílias rurais. As famílias dos empreendedores são em sua maioria pluriativas, tendo o turismo como principal atividade e através de suas iniciativas estão contribuindo para a pluriatividade de outras famílias, pois, como se verificou, é significativo o número de pessoas que

mantém algum tipo de envolvimento com a atividade turística no espaço rural.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade turística provoca efeitos na geração de renda e emprego no espaço rural, os quais são percebidos com maior ou menor intensidade pelas diversas pessoas envolvidas. No município de São Martinho os recursos provenientes do turismo respondiam pela maior parte da receita familiar de quase todos os empreendedores. Houve, nas propriedades abertas à visitação, um processo de refuncionalização em que a realização dos labores ligados ao turismo passou a ter prioridade. Embora ainda fossem mantidas algumas atividades agropecuárias, é certo que sua importância diminuiu muito em relação ao que estas representavam antes do início do turismo. Assim, a produção agropecuária permanecia, mas estava direcionada a atender as necessidades demandadas pela atividade turística.

A mudança mais significativa observada foi financeira, sendo inevitável que comparassem a atual situação familiar com a anterior, quando dependiam basicamente das atividades agropecuárias. Isso se deve a obtenção de um retorno econômico maior com a atividade turística do que com as anteriores. Assim, os recursos obtidos com a atividade turística têm importância crucial, pois sem estes, seria menor a possibilidade de terem melhorado seu nível de vida. Além disso, na percepção dos empreendedores o turismo estava gerando benefícios para a comunidade local, através dos empregos criados e pela aquisição de produtos consumidos pelos visitantes nos empreendimentos, ou para estes comercializados.

Esse efeito multiplicador da atividade turística é muito importante para reduzir o êxodo rural. Há vários fatores que interferem na decisão de uma pessoa em abandonar o espaço rural, sendo a renda familiar fundamental para o atendimento das necessidades básicas, como alimentação, vestuário, transporte, educação, etc. Considerando que, principalmente, os jovens são obrigados a migrar em busca de uma melhor

1 - De acordo com Mattei (1999, p. 10) “a pluriatividade descreve uma unidade produtiva multidimensional, onde se desenvolvem atividades agrícolas e não-agrícolas, tanto dentro como fora dos estabelecimentos, e pelas quais são recebidos diferentes tipos de remuneração”.

qualificação profissional ou mesmo dos empregos que são escassos no campo, as oportunidades criadas pelo turismo, mesmo se avaliadas como não tão significativas num contexto mais amplo, representam, na maioria das vezes, o principal elemento na decisão de permanecer. Nesse sentido, os empregos permanentes e temporários, bem como as produções direcionadas aos visitantes, podem ser considerados importantes na composição da renda das famílias envolvidas e consequentemente na sua permanência no rural.

O turismo no espaço rural contribui para a geração de renda e emprego. No entanto, é preciso ter cuidado quando se aborda a magnitude dos seus efeitos, pois a sua importância vai depender de cada realidade local, dos tipos de atividades que estão envolvidas, e principalmente, da dimensão espacial e populacional que está sendo analisada.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, J. A. **Pesquisa em extensão rural**: um manual de metodologia. Brasília: MEC, 1989.
- ALMEIDA, A. F. de; PEREIRA, M. T.; VECCHIATTI, K. Análise sócio-ambiental das atividades voltadas ao turismo no meio rural na região de Guararema, SP. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL, 2., 2000. Piracicaba. **Anais ...** Piracicaba: [s. n.], 2000. p. 203-209.
- BARRERA, E. Situação do turismo rural na Argentina. In: ALMEIDA, J. A.; FROEHLICH, J. M.; RIEDL, M. (Org.). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas: Papirus, 2000. p. 181-208. (Turismo).
- BECKER, H. S. **Métodos de pesquisas em ciências sociais**. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- CALVENTE, M. del C. M. H. **Turismo e excursionismo**: o qualificativo rural: um estudo das experiências e potencialidades no norte velho do Paraná. 2001. 264 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CORDOVIL, F.; ROSA, M. (Coord.). **Desenvolvimento rural**: novas realidades e perspectivas. Lisboa: DGDRural, 1997. (Estudos e Análises).
- CRISTÓVÃO, A. Mundo rural: entre as representações (dos urbanos) e os benefícios reais (para os rurais). In: RIEDL, M.; ALMEIDA, J. A.; VIANA, A. L. B. (Org.). **Turismo rural**: tendências e sustentabilidade. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002. p. 81-116.
- CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 51-66.
- ELESBÃO, I. **Turismo rural em São Martinho (SC)**: uma abordagem do desenvolvimento em nível municipal. 2001. 154f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.
- FERREIRA, A. C. V. C. **Turismo no espaço rural**: formas de alojamento e impactos na sub-região Minho-Lima. 2004. 524f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- FIGUEIREDO, E. Ambiente rural: a utopia dos urbanos? In: CAVACO, C. (Coord.) **Desenvolvimento rural**: desafio e utopia. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 1999. p. 263-279. (Estudos para o Planeamento Regional e Urbano, 50).
- GARCIA, A. M. M. **Turismo e desenvolvimento local**: o exemplo de Manteigas. 1996. 174f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana e Planeamento Regional e Local) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **RAE**, São Paulo, v. 35, n. 3, 1995. p. 20-29.

- GÓMEZ, V. B. **Turismo en espacio rural**: rehabilitación del patrimonio sociocultural y de la economía local. Madrid: Editorial Popular, 1988.
- GONZÁLEZ, M. R. El turismo como nueva fuente de ingresos para el medio rural de Castilla y León. **Cuadernos de Turismo**, Murcia, n. 16, 2005. p. 175-195.
- GRAZIANO DA SILVA, J. O novo rural brasileiro. In: SHIKI, S.; GRAZIANO DA SILVA, J.; ORTEGA, A. C. (Org.). **Agricultura, meio ambiente e sustentabilidade no cerrado brasileiro**. Uberlândia, 1997. p. 75-100.
- GRAZIANO DA SILVA, J.; VILARINHO, C.; DALE, P. J. Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil. In: ALMEIDA, J. A.; FROEHLICH, J. M.; RIEDL, M. (Org.). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2001. p. 15-62. (Turismo).
- GUERREIRO, S. Turismo em espaço rural: políticas e perspectivas de desenvolvimento. In: **ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE MANAGEMENT**. Porto: Vida Econômica, 2001. p. 37-46.
- LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. Bases para a elaboração de um trabalho científico no turismo. In: LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. (Org.). **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000. p. 298-311.
- MATTEI, L. F. **Pluriatividade e desenvolvimento rural no estado de Santa Catarina**. 1999. 211f. Tese (Doutorado em Ciências Econômicas) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- MOLETTA, V. F.; GOIDANICH, K. L. **Turismo rural**. Porto Alegre: SEBRAE/RS, 1999. (Série Desenvolvendo o Turismo, n. 6).
- MOREIRA, M. B. **Globalização e agricultura**: zonas rurais desfavorecidas. Oeiras: Celta, 2001.
- PÁDUA, E. M. M. de. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. 2. ed. Campinas: Papirus. 1997. (Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- PEREZ, E. C.; GANSO, M. F. La influencia del turismo en el desarrollo rural: proyecto piloto de Taramundi. **Sociedade e Território**, Porto, n. 28, 1998. p. 69-78.
- PORTELA, J. Agricultores e agriculturas: que futuros?: memória para um debate urgente. In: MINISTÉRIO DA AGRICULTUA. **Dois contributos para um livro branco sobre agricultura e o meio rural**. Lisboa: Ministério da Agricultura, 1993. p. 109-303.
- PORTUGUEZ, A. P. **Agroturismo e desenvolvimento regional**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 2002.
- RIBEIRO, M. Oportunidades empresariais no sector do turismo em regiões do interior de Portugal. **Gestão e Desenvolvimento**, [S. l.], n. 10, 2001. p. 319-332.
- RODRÍGUEZ, B. B. El turismo rural en Galicia: análisis de su evolución en la última década. **Cuadernos de Turismo**, Murcia, n. 17, 2006. p. 25-49.
- SARTOR, L. F. **Turismo rural**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.
- SCHNEIDER, S.; FIALHO, M. A. V. Atividades não agrícolas e turismo rural no Rio Grande do Sul. In: ALMEIDA, J. A.; RIEDL, M. (Org.). **Turismo rural**: ecologia, lazer e desenvolvimento. Bauru: EDUSC, 2000. p. 15-50.
- SELLTIZ, C. et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: EPU, 1974.
- SOLLA, X. M. S. Turismo rural: tendências e perspectivas. In: IRVING, M. de A.; AZEVEDO, J. (Org.). **Turismo**: o desafio da sustentabilidade. São Paulo: Futura, 2002. p. 113-129.

TALAVERA, A. S. O rural como produto turístico: algo de novo brilha sob o sol? In: SERRANO, C.; BRUHNS, H. T.; LUCHIARI, M. T. D. P. (Org.). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2001. p. 151-170.

_____. Desarrollos y conflictos en torno al turismo rural: claves y dilemas desde la antropología social. In:

RIEDL, M.; ALMEIDA, J. A.; VIANA, A. L. B. (Org.). **Turismo rural: tendências e sustentabilidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002. p. 13-50.

VERBOLE, A. A busca pelo imaginário rural. In: RIEDL, M.; ALMEIDA, J. A.; VIANA, A. L. B. (Org.). **Turismo rural: tendências e sustentabilidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002. p. 117-140.